



SUBTERRÂNEAS

identidade, cultura e resistência em favelas do rio



SUBTERRÂNEAS

identidade, cultura e resistência em favelas do rio



Itaú
cultural



Representação
no Brasil



Grupo Cultural
AfroReggae

Ministério da
Cultura



SOCIALIZIDADES
SUBTERRÂNEAS



Sumário Executivo

SOCIABILIDADES
SUBTERRÂNEAS



Fruto de uma parceria interinstitucional pioneira entre AfroReggae, CUFA, LSE, as fundações Itaú Cultural e Itaú Social, e a Representação da UNESCO no Brasil, a pesquisa foi dirigida pela London School of Economics and Political Science e envolveu interlocutores em universidades, movimentos sociais, governo e iniciativa privada. Cada estágio do projeto foi discutido e operacionalizado por meio de uma metodologia participativa que envolveu todos os parceiros.

SOCIABILIDADES
SUBTERRÂNEAS



Sociabilidades subterrâneas: a descoberta de um admirável mundo novo



“Eu não falo só favelês, quero falar português”. (Celso Athayde)

“Queremos criar uma ponte, uma via de mão dupla; a cultura do outro, mesmo que a gente não goste, deve ser respeitada”. (José Junior)

Existe um vasto mundo que está bem próximo de nós, mas escondido do nosso olhar. Um mundo composto por delicadas e específicas relações sociais, que fazem parte do cotidiano da sociedade brasileira e, ainda assim, permanecem invisíveis. Desvendar essas formas de sociabilidades que acontecem nas favelas do Rio de Janeiro foi o objetivo deste estudo.

A pesquisa descobriu que essas sociabilidades subterrâneas são caracterizadas por um quadro institucional complexo, marcado pela família, pelo narcotráfico, pela ausência do Estado, com a polícia sendo sua única face e relacionada ao tráfico de drogas, às igrejas e às ONGs, como o AfroReggae e a CUFA. Essas instituições conseguem se comunicar de maneira muito específica com os moradores, fornecendo rotas claras de socialização. É a natureza dessas relações, contando com o apoio e a estrutura que elas oferecem, que determinarão a inclusão ou a exclusão social. Essas instituições não são apenas um fundo: elas constituem aspectos fundamentais na trajetória das sociabilidades subterrâneas. Estão marcadas nas vozes dos moradores, na maneira como relatam sua vida pessoal, sua experiência na comunidade e, sobretudo, nas relações entre a favela e a cidade.

O projeto compreendeu três estudos empíricos: uma investigação do mundo da vida da favela; um estudo sobre as organizações AfroReggae e CUFA; e uma investigação com especialistas, observadores e parceiros do AfroReggae e da CUFA no Rio de Janeiro. O trabalho de campo foi conduzido em quatro comunidades cariocas: Cantagalo, Cidade de Deus, Madureira e Vigário Geral. As comunidades foram selecionadas considerando seu lugar na cidade e o seu vínculo com o AfroReggae e com a CUFA. O enfoque da pesquisa foi psicossocial e etnográfico, combinando metodologias quantitativas e qualitativas.

SOCIALIZIDADES
SUBTERRÂNEAS



O papel das instituições na constituição da identidade individual

- A instabilidade da família nuclear, o acesso limitado a modelos positivos de identificação e a falta de oportunidades são fatores determinantes para as identidades nas favelas. Nesse contexto, o tráfico de drogas pode facilmente passar a oferecer reconhecimento, emprego e status.
- A experiência da perda constitui parte das trajetórias de vida e da construção da identidade individual: as pessoas crescem testemunhando a morte ou a prisão de amigos e familiares.



“A maioria dos garotos faleceram por causa do tráfico, se envolveram e acabaram falecendo. Têm poucos vivos hoje, dá para contar nos dedos... É triste. Você acaba perdendo um pedaço da sua história”.

(jovem, 23 anos, Vigário Geral)

- A religiosidade e a fé são modelos positivos, e fornecem uma alternativa de inserção social, dada a precariedade dos serviços estatais.
- ONGs como AfroReggae e CUFA “competem” diretamente com o tráfico de drogas, oferecendo alternativas, ocupação, apoio, desen-

volvimento de competências e modelos de identificação.

- Ações e estruturas de apoio interpessoal como as que são oferecidas pelo AfroReggae e pela CUFA – que definimos como andaimes psicossociais – protegem contra a marginalização e são condições essenciais para a inserção social.

Segurança: tráfico de drogas, favela e polícia

A segurança é uma questão central no mundo da vida da favela e nas vias de socialização. Existem complexas relações entre os moradores, a polícia e as facções do tráfico.

- Os moradores da favela vivem em meio a duas leis de segurança: a do tráfico de drogas e a da polícia. Para sobreviver, eles aprendem a reconhecê-las e as adotam de acordo com as diferentes situações da vida cotidiana.
- Os moradores temem mais a vida fora da favela do que dentro dela. O lado de fora é desconhecido, a discriminação e o preconceito estão muito presentes, e as regras da cidade são vistas como estranhas e duvidosas.



“Eu não saio tanto da Cidade de Deus, mas acho que se eu soubesse, eu teria bastante discriminação... por ser negra. Ia acabar acontecendo”.

(menina, 15 anos, Cidade de Deus)

SOCIABILIDADES
SUBTERRÂNEAS



- Os residentes da favela falam pouco sobre direito à segurança. Relatam abusos frequentes da polícia e sabem que muitas vezes são vistos como criminosos.
- Há pouca referência ao conceito de cidadania e ao fato de que é obrigação do Estado oferecer ambientes seguros para os cidadãos.
- As Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) representam uma mudança nas relações entre os moradores das favelas e a polícia. Há um novo diálogo entre a polícia e a comunidade, gerando uma nova sensação de segurança. Percebe-se uma clara diferença em comunidades com e sem a presença das UPPs.



“A essência da Polícia Militar é estar em companhia do povo, em companhia da cidade, é estar junto das pessoas. E nós criamos uma barreira, a ponto de separar polícia e sociedade... Não digo que isso encerrou, mas nós hoje temos uma postura diferente”.

(comandante de UPP na comunidade)

Identidade da favela

Modelos opostos coexistem nos processos de construção da identidade nas favelas. Segregação, pobreza e estigma produzem falta de autoestima

e identidades frágeis. Esses elementos convivem, no entanto, com esperança, crença no futuro e fé em Deus, que muitas vezes se combinam com a autonomia e a ideia de que cada um traça sua própria vida.

- O estigma da favela associada ao tráfico de drogas é forte. A maioria dos moradores sofre discriminação social e racial, o que leva à baixa autoestima. Por outro lado, a convivência e a alegria são centrais: há uma sociabilidade intensa no mundo da vida da favela.
- Com as constantes intervenções policiais, o Estado ajudou a reforçar a identidade dos moradores de favelas como supostos criminosos. Essas ações policiais afastam os moradores do Estado e contribuem para minar o exercício da cidadania como um constituinte da identidade.

A comunidade e a cidade

- Nas favelas, há um forte sentimento de pertencimento e de coesão. Apesar das dificuldades, elas mantêm um vínculo positivo com seu território e apresentam forte capital social.
- Os moradores vivem com medo do narcotráfico e da polícia. Por outro lado, graças à coesão social, eles se sentem mais seguros em suas comunidades do que no resto da cidade.
- Os moradores amam o Rio de Janeiro, mas o vínculo afetivo que os liga à cidade é marcado por representações ambivalentes, que a veem como cidade maravilhosa e como cidade violenta.
- Os participantes do AfroReggae e da CUFA demonstram ter mais consciência dos seus próprios limites e entendem melhor a exclusão a que são submetidos.

SOCIABILIDADES
SUBTERRÂNEAS



AfroReggae e CUFA

Quem são

O AfroReggae e a CUFA são ONGs multifacetadas que combinam funções de movimentos sociais, produtores culturais, empresários, artistas e trabalhadores sociais. São produtos da favela e estão profundamente enraizadas em seu mundo.

As trajetórias de vida de seus líderes e ativistas são análogas às dos moradores das favelas, e esse fato define sua identidade: são histórias que contam a experiência do fracasso, da perda, do sofrimento, mas também a capacidade de levantar-se e seguir em frente.

O contar a história de vida é uma metodologia central, utilizada como exemplo de sobrevivência e determinação, como plataforma de identificação e construção de esperanças.

Essas organizações agem dentro e fora da favela: atuam não somente sobre o desenvolvimento individual e comunitário, mas também sobre a comunicação entre a favela e a cidade.

O que fazem

Em primeiro lugar, seu método investe na psicologia individual e na construção do sujeito como protagonista no desenvolvimento pessoal e comunitário. A mudança social, afinal, requer que indivíduos, primeiramente,

entendam a si mesmos como agentes de transformação e acreditem em sua capacidade para agir. O AfroReggae e a CUFA oferecem andaimes psicossociais: estruturas e ações de apoio interpessoal que amparam indivíduos e conduzem à inclusão social.



“A gente pensa: ‘Pô, eu não sou nada na vida’. E aí a CUFA investe naquela pessoa, faz ela achar que é alguém. Dá apoio, pergunta o que está acontecendo na família, faz entrevistas, oferece emprego, faz a diferença”.

(jovem, 20 anos, Cidade de Deus)

Em segundo lugar, utilizam-se das artes, da cultura, da imaginação e da criatividade para subverter estereótipos, interligar espaços urbanos, tornando visível e atraente a cultura da favela para a cidade, o país e o mundo. Os recursos da cultura local, e mais especificamente da herança negra brasileira, são identificados e utilizados como ferramentas de cicatrização e de desenvolvimento social: a sociabilidade, a alegria e a festa tornam-se instrumentos utilizados contra o sofrimento e a exclusão.

SOCIABILIDADES
SUBTERRÂNEAS





“O AfroReggae serve para tirar da bandidagem, tirar do caminho errado, ajuda a afastar do tráfico, porque é algo contrário, é arte, é dança, é salsa, é tudo de bom. Passa paz, passa tranquilidade, você passa a usar o seu corpo de uma maneira diferente, saber valorizar o seu corpo, usá-lo para coisas boas”.

(jovem, 21 anos, Cantagalo)

Em terceiro lugar, constroem travessias e mediações: O AfroReggae e a CUFA constroem parcerias inusitadas com movimentos sociais, mídia, Estado e setor privado, criando novas leituras sobre as comunidades populares e colocando a favela na agenda da cidade. O AfroReggae e a CUFA agem como mediadores de conflitos. Garantem o acesso à favela e comunicam-se tanto com o narcotráfico quanto com a polícia. Regeneram o ambiente, construindo espaços de sociabilidade, tais como o Centro Cultural Waly Salomão, em Vigário Geral, e o Viaduto, em Madureira.



“O AfroReggae e a CUFA mudam a relação entre a cidade partida, constroem a tal da ponte, provocam, nos questionam”.

(observador externo, iniciativa privada)

Rotas das sociabilidades subterrâneas



“A minha infância foi conflito, guerras urbanas, perdi muitos amigos na vida errada. O mundo das drogas, do tráfico é uma ferida que ainda não cicatrizou. A parte boa é que me considero um sobrevivente, porque os que foram embora são os desistentes. A gente continua aqui, resistimos, somos resistentes por gostar muito da comunidade”.

(homem, 39 anos, Cidade de Deus)

- O residente da favela habita um mundo à parte, com instituições frágeis e a presença de um empreendimento ilegal (o tráfico de drogas) que, até recentemente, oferecia uma ordem pública paralela ao Estado.
- A maioria esmagadora da população da favela trabalha, luta para manter-se dentro da legalidade e demonstra determinação para escapar ao apelo do narcotráfico.
- Resultados mostram que a resistência a atividades criminosas é possível e disseminada no mundo da favela. Essa resistência se apoia sobre andaimes psicossociais, que ajudam indivíduos a construir uma identidade positiva e a enfrentar as dificuldades do contexto da favela, construindo alternativas para suas próprias vidas.

SOCIABILIDADES
SUBTERRÂNEAS





“Deus traça o destino, mas Ele coloca as escolhas em sua mão”.

(menina, 17 anos, Madureira)

- O AfroReggae e a CUFA são organizações que oferecem andaimes psicossociais: elas agem como família, Estado e até mesmo como setor privado, dando apoio, desenvolvendo competências, organizando empregos e produzindo um novo campo de representações sociais sobre a favela e sobre a cidade como um todo.
- Manter fronteiras abertas entre a favela e a cidade contribui para a transformação de identidades e para o desenvolvimento da cidadania, evitando a formação de guetos e regenerando o espaço urbano da cidade.

Principais conclusões e recomendações

Fatores sociais e individuais interagem na determinação de escolhas e decisões na rota da socialização.

- Pesquise as necessidades individuais, sem responsabilizar o sujeito pela sua pobreza: o contexto social é fator decisivo.

Andaimes psicossociais são fontes de resiliência em contextos de privação e podem ser fornecidos por múltiplas instituições.

- Assista e invista em famílias.

- Enfatize a educação de meninas e crie programas de apoio a mulheres.
- Construa modelos masculinos de identificação, fortalecendo a posição do pai ou de outros cuidadores homens na rota da socialização.
- Aumente o alcance e a qualidade dos serviços no território da favela, em particular a educação.

As organizações da favela e os movimentos sociais oferecem lições e direções que devem ser escutadas.

- Utilize como modelo, ações e projetos criados na base e comprometa o Estado a aumentar sua escala, introduzindo mais serviços e oportunidades para os moradores da favela.
- Trabalhe com as organizações da favela no desenho e na implementação de políticas sociais, mas não espere que essas organizações compensem a ausência do Estado e de seus serviços.
- Comprometa o setor privado a entender a economia da favela e a ética de desenvolvimento de negócios em territórios de exclusão social.

Sociabilidades subterrâneas são móveis, e podem ser transformadas pela ética do cuidado e por políticas de atenção.

- Ofereça plataformas para que jovens escapem de territórios e de identidades fixas.
- Desenvolva narrativas que contem histórias positivas, que veiculem talentos, futuros positivos, sonhos e aspirações.
- Invista em pesquisas que documentem as percepções e o pensamento de jovens excluídos, seus modelos, seus sonhos e suas aspirações.
- Reconheça que não há identidade pura e homogênea, não há um lado bom e um lado mau: existem múltiplas camadas de identificação em todos os seres humanos, bem como em diferentes territórios e instituições na cidade.

SOCIABILIDADES
SUBTERRÂNEAS



Lições e questões para reflexão

- A eficácia de organizações como o AfroReggae e a CUFA advém da cultura, da identidade e da sabedoria das comunidades a que elas pertencem e que representam.
- As respostas que as sociabilidades subterrâneas constroem para resistir à exclusão social oferecem, para a cidade, um exemplo de cidadania e de caminhos de ação.
- O capital social do Brasil e sua capacidade para construir tecnologias sociais inovadoras e bem-sucedidas são forjados por múltiplos atores nas colaborações e nas parcerias da esfera pública democrática.
- Esse modelo de desenvolvimento social deriva sua eficácia da sabedoria situada e da solidariedade social de gente que vive uma vida sofrida e difícil, enfrenta pobreza e violência, e, ainda assim, mantém-se esperançosa e otimista sobre sua comunidade e o futuro.
- As tecnologias sociais da imaginação são ferramentas que produzem desenvolvimento social: atividades em torno da arte e da cultura, da sociabilidade e da solidariedade, têm poder para contrapor-se a experiências de exclusão e estimular a mobilização comunitária para a mudança social.
- O modelo carioca de desenvolvimento social é transferível, porque se baseia sobre dimensões universais: o potencial do Eu como protagonista, o poder da imaginação criadora e o valor do diálogo como ferramenta para manejar o conflito e a diferença.
- Essas ações convocam toda a sociedade para pensar o futuro do desenvolvimento social: como articular as iniciativas da sociedade civil com o Estado e o setor privado, para oferecer serviços e levar educação, transporte, saúde, bancos e comércio para a favela? Como engajar a cultura da favela que é, em última instância, a cultura do Brasil? Essas

são questões desafiadoras para o Estado, para o setor privado e toda sociedade brasileira.

- Reconhecer o potencial da economia, da cultura e da gente da favela requer políticas sociais e compromisso com a inclusão social, sem a qual o desenvolvimento brasileiro será sempre parcial.

Uma palavra final

Talvez uma das lições mais importantes desta pesquisa seja a de que o potencial do AfroReggae e da CUFA derive da cultura e da identidade das comunidades em que estão inseridos e que representam. Sua eficácia e sabedoria encontram-se nas solidariedades sociais forjadas por pessoas que têm de viver uma vida difícil, enfrentar a pobreza e a violência, e, ainda assim, permanecer esperançosas quanto ao seu futuro. Ao longo deste projeto, encontramos protagonistas que estão virando do avesso a despersonalização e a homogeneização dirigidas ao sujeito da pobreza para mostrar que, para além da exclusão social, encontra-se resiliência, uma cultura vibrante e uma inteligência coletiva poderosa e orgulhosa, vivendo nas margens da cidade.

Apesar de o AfroReggae e a CUFA serem organizações essencialmente cariocas, estão inspirando outros movimentos em todo o Brasil, na Europa e em países distantes, como China e Índia. Sua ferramenta central para mudar a favela e a cidade é cantar sobre o seu território. É assim que contam sua história, com a voz forte. “Cante sua aldeia, e cantarás o mundo”, sugeriu Tolstói. Isso é verdade para a literatura, para a música e para as cidades. O AfroReggae e a CUFA cantam a história das favelas e, assim, conversam com o mundo.

SOCIABILIDADES
SUBTERRÂNEAS



© Os Autores, LSE 2012

Itaú Cultural

Presidente
Milú Villela

Diretor Superintendente
Eduardo Saron

Núcleo de Comunicação e Relacionamento
Gerente
Ana de Fátima Sousa

Núcleo de Audiovisual e Literatura
Gerente
Claudiney Ferreira

Coordenação de Conteúdo Audiovisual
Kety Fernandes Nassar

Sociabilidades Subterrâneas

Produção Executiva
Isabella Protta

Produção Editorial
Lívia G. Hazarabedian

Arte
Jader Rosa

Diagramação
Estúdio Lumine

Edição de Texto
Mariana Sgarioni

Revisão
Çiça Corrêa

Site
Fernanda Castello Branco
Maria Clara Mattos
Renato Corch

Apoio Jurídico
Anna Paula Montini
Carlos Eduardo Moraes

Assessoria de Imprensa
Conteúdo Comunicação

Fundação Itaú Social

Presidente
Roberto Egydio Setubal

Vice-Presidente
Antonio Jacinto Matias

Superintendente
Valéria Veiga Riccomini

Gerente de Educação e Avaliação
Isabel Cristina Santana

Coordenadoras do Projeto
Anna Carolina Bruschetta
Patrícia Mota Guedes

Equipe da Representação da UNESCO no Brasil

Representante no Brasil
Lucien Muñoz

Setor de Ciências Humanas e Sociais
Coordenadora
Marlova J. Noleto

Oficial de Programa Sênior
Fabio Soares Eon

Oficiais de Projeto
Beatriz Maria Godinho Barros Coelho
Karla Fernandes Skeff
Rosana Sperandio Pereira

Chefe de Eventos
Ana Thereza Botafogo Proença

Secretária Sênior
Sofia Keller Neiva

Setor de Cultura
Coordenadora
Jurema de Sousa Machado

Oficial de Projeto
Maria Virgínia Casado

Unidade de Comunicação, Informação Pública
e Publicações
Coordenadora
Ana Lucia Guimarães Bulhões Pedreira

Assessora de Comunicação
Isabel de Paula

LSE

Direção Geral
Sandra Jovchelovitch

Oficial de Pesquisa Sênior
Jacqueline Priego-Hernández

Consultores Acadêmicos
Angela Arruda (UFRJ)
Paula Castro (ISCTE, Lisbon)
Martin Bauer (LSE)

Diretor do Trabalho de Campo
Damian Platt

Assistentes de Pesquisa
Cristal Oliveira Moniz de Aragão
Ana Carolina Dias Cruz
Rhaniele Ferreira
Marcela Oassé Silva Figueiredo
Vlad Petre Glăveanu
Fernando Lannes
Deborah Levitan
Thiago Benedito Livramento Melício
Fernanda Mena
Roberta Novis

Revisão
Sue Howard

SOCIEDADES SUBTERRÂNEAS



